

Grupo Asuriní do Xingu - Regina Möller

As características da demografia deste grupo indígena, como o reduzi do número de membros, a inversão e desequilíbrio nas faixas etárias e o desequilíbrio no sex ratio, levam antropólogos e médicos a preve rem a dificuldade deste grupo se recuperar numericamente e como et nia (relatórios de Berta e Frederico Ribeiro à FUNAI, em 24 de julho ' e 20 de abril de 1981, respectivamente).

Os Asuriní contam atualmente com 53 indivíduos, sendo 34 do sexo fe minino e 19 do sexo masculino, cujas faixas etárias se apresentam ' da seguinte maneira:

32,07% de maiores de 40 anos

47,16% na faixa etária entre 20 e 39 anos

7,54% de indivíduos entre 10 e 19 anos e

13,2% de menores de 9 anos, sendo 5,6% *)* menores de 5

Gráfico 1

Analisando a pirâmide demográfica Asuriní, vê-se que nas gerações ' mais jovens, ou seja nas faixas etárias compreendidas entre os 0-9' e 10-19 anos, a relação é de um indivíduo do sexo masculino para 7 do feminino e de um masculino para 6 ⁿⁱ feminino, respectivamente. Abaixo de 20 anos, dos 11 indivíduos, apenas 3 são menores de 5 anos.

Esta situação demográfica é devida a vários fatores históricos e cul turais e o que se coloca em discussão são as chances de sobrevivên- cia dos Asuriní do Xingu na década de 80.

Em 1971, ano do contato, os Asuriní perfaziam um total aproximado de 100 indivíduos (Lukesch contou 7 membros do grupo que contactou; outro grupo, entretanto, veio se juntar ao primeiro, após a saída de Lukesch do igarapé Ipiaçava)

Atualmente, os Asuriní são 53, havendo, portanto, um decréscimo de 53% em sua população, no período de uma década após o contato. Reunindo-se dados existentes sobre aspectos demográficos, nível de saúde da população e atividades de assistência desenvolvidas junto ao grupo a partir de 1971, pode-se demonstrar que a higidez e a demografia do grupo passam a ser função do contágio de doenças transmitidas pelo branco e da interferência assistencial. (Müller, R. - "Aspectos Nível de saúde da população Asuriní e atividades de Assistência junto ao grupo", trabalho apresentado em reunião do CEPAM para discussão do Plano de Assistência aos Asuriní para 1982)

As fases do contato podem ser visualizadas no gráfico?

Observa-se que nos primeiros quatro anos de contato houve acentuado decréscimo populacional cujas causas são descritas em 1971 pelo sertanista Antonio Cotrim: epidemias de gripe e malária e assistência médica precária devido à morosidade nas operações (Relatório de 20 de outubro de 1971 ao Chefe da Base Kararaô, Altamira, inédito)

Uma vez instalados junto ao Posto da FUNAI e com uma assistência talvez mais regular, o decréscimo continua, mas menos acentuadamente.

Entre 1978 -1980, a população se estabiliza, tendo se desenvolvido em 78 e 79 o Projeto de Recuperação dos Asuriní do Koatinemo. O decréscimo posterior a 76 ^{dada} é devido principalmente a tuberculose, sendo que a assistência ^{dada} pelo Projeto conseguiu reduzir os casos de morte por tuberculose, de 6 em 76/77 para 2 entre 78/79.

O trabalho assistencial poderia ter assegurado possibilidades de recuperação numérica do grupo, não fossem certas características culturais da organização social Asuriní que implicam no baixo índice de natalidade e circunstâncias inexplicáveis como acidentes fatais.

Em 1980 não ocorreu nenhuma morte mas também não houve nascimento. Em 1981, completando já um ano que o Projeto de Recuperação fora interrompido, morre um homem por doença e outro morre num acidente com arma de fogo. Neste ano, também não houve nascimentos entre os Asuriní.

Há dois anos, portanto, que a natalidade é 0 (zero) neste grupo indígena. Desde o ano do contato, entretanto, ~~este baixo índice~~ se verifica este baixo índice, conforme os dados abaixo:

71 e 72	0	78.....	1
73.....	1	79.....	1
74.....	1	80.....	0
75.....	1	81.....	0
76.....	1	82.....	0
77.....	1		

Antes mesmo do contato, o controle da natalidade¹ entre os Asuriní poderia estar relacionado à baixa porcentagem da população infantil e aos casos de mulheres sem filhos. Em 1971, Cotrim registra uma população infantil que representa apenas 7,8% do total, já baixa; portanto, na época do contato. Atualmente, das 26 mulheres adultas apenas 10 procriaram e das 7 com mais de 45, apenas uma tem filhos.

Dentre as causas desse controle, os Asuriní citam ataques de índios inimigos que lhes roubavam as crianças e os obrigavam a situações de fuga (ver gráfico 2). A pirâmide demográfica (gráfico 1) mostra um estrangulamento nas faixas etárias correspondentes aos anos 1966 a 1971, quando ocorreram conflitos com os ~~Kaxxapaxx~~ Araweté.

De acordo com Berta Ribeiro (relatório citado) que fez um levantamento das mortes de parentes dos atuais Asuriní, de um total de 70, 20 foram vitimados por conflitos com grupos vizinhos. De acordo com a mesma fonte, pode-se estimar que há meio século, isto é, por volta de 1930, a população Asuriní compreendia cerca de 150 índios. Desta época ao ano do contato, o decréscimo populacional se deveu aos ataques destes grupos inimigos e já se verificava um controle da natalidade. Este obedece a regras culturais como o casamento preferencial de mulheres adolescentes com homens maduros e/ou velhos e vice-versa, tendência corolária ao casamento poli-gâmico com esposas que são mãe e filha. Nos casos de poliandria, o mesmo pode-se observar, com jovens casados com a esposa de seu pai. A maioria destes casamentos encontra^m-se atualmente desfeitos devido ao decréscimo populacional. Uma das justificativas dada pelos Asuriní para o controle da natalidade é a de que a inexistência do marido jovem impede a pro

¹ No controle da natalidade uma das práticas utilizadas é o abortamento, tendo se verificado 2 casos comprovados entre 76 e 82

criação nos termos ideais desta sociedade. Como diz Berta Ribeiro, 'a persistência de mecanismos relacionados à estrutura social tradicional, somada aos claros ^{demográficos} abertos numa geração procriativa e aos traumas provenientes das lutas intertribais e do contato com o branco devem ser responsabilizados pela inusitada contenção demográfica da sociedade Asuriní'. Apesar da interferência da assistência médica, reduzindo o índice de mortalidade, o comportamento do grupo frente às mudanças em sua demografia a partir de, pelo menos, 40 anos atrás é de passividade e manutenção de seus valores, práticas e estrutura social tradicional.

Os Asuriní se caracterizam por uma intensa vida ritual, em especial, os rituais xamanísticos cujo desempenho é, inclusive, mais elaborado que o discurso mitológico. Estes rituais têm a duração mínima de 2 dias ininterruptos e são realizados frequentemente, mobilizando todo o grupo. Nele participam os parentes do xamã, os parentes do paciente e todos os xamãs que são a maioria dos homens adultos. As mulheres que participam são jovens sem filhos, encarregadas de acompanharem os xamãs nas danças e prepararem a refeição ritual.

O estilo de vida tradicional de vida parece não ter sido abalado pelo fator demográfico, podendo-se afirmar que se de um lado, os Asuriní estão ameaçados de extinção do ponto de vista numérico, de outro, pode-se interpretar a intensificação dos rituais xamanísticos como mecanismo de afirmação do grupo enquanto etnia, em prejuízo talvez de sua sobre-

vivência física. Do ponto de vista médico, a performance destes rituais é prejudicial a recuperação dos doentes, quando não contribue para a disseminação de doenças como a tuberculose (relatório de Frederico Ribeiro).

O caso Asuriní é um exemplo, neste sentido, da relação entre a demografia do grupo e as alternativas de sobrevivência das sociedades indígenas após o contato. Se a população Asuriní já se encontrava diminuindo na época do contato, é a partir deste, através do contágio de doenças, que a situação demográfica se torna mais crítica, apresentando um decréscimo que vem ocorrendo até os dias de hoje.

São Paulo, 4 de outubro de 1982

GRÁFICO 1

PIRÂMIDE DEMOGRÁFICA



